



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARISA IOLE PINTO RAUCH**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Marisa Iole Pinto Rauch

Nascimento: 29.12.1939

Local da entrevista: residência da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 29.01.2015

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1h 16min 42 seg

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## Sumário

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Início na dança; Conservatório de Música Daniel de Oliveira; Escola na Sociedade Sirio Libanesa; Escola no Edifício do Relógio; escola na Rua Marechal Floriano; Primeiras coreografias; Rolla como partner; Varinha; Escolas da época; Período após formatura; Escola em Montenegro; Ballet Ioleana; Encerramento da Escola João Luiz Rolla; Metodologia e o uso da varinha; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Aulas com o Professor Rolla; Espetáculos de Dança; Notícias dos espetáculos nos jornais da cidade; Participação no Festival de Dança de Curitiba; Bailarinos da Escola com projeção artística; Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 29 de janeiro de 2015. Entrevista com Marisa Iole Pinto Rauch a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual seu nome completo?

M.R. – Marisa Iole Pinto Rauch.

M.C. – Qual sua data de nascimento?

M.R. – 29 de dezembro de 1939.

M.C. – Qual seu estado civil?

M.R. – Casada.

M.C. – A senhora tem filhos?

M.R. – Sim. Tenho

M.C. – E como a dança entrou na sua vida?

M.R. – Eu estava pensando, naquela época para as meninas estudarem balé pra valer tinha que ter posses, não era comum. Existia só a escola do Teatro São Pedro da Dona Tony<sup>1</sup> e a Dona Salma<sup>2</sup>. E um dia um funcionário do meu pai, a filha dele estudava balé e eu fui assistir. Ela era aluna da professora Salma e eu fiquei maravilhada. Elas todas com um saiotinho e eu fiquei maravilhada. E meu pai tinha posses, mas não tinha aquela oportunidade porque não tinha divulgação. E eu era muito tímida e eu fiquei com aquilo. A minha irmã estudava acordeom e o professor ia dar aula em casa. Esse professor abriu um conservatório de música na Rua Senhor dos Passos onde o Rolla começou a dar aula de balé. A minha irmã era aluna deste conservatório e quando a mãe viu que tinha balé e a minha mãe na infância gostava de balé, mas muito menos ela podia fazer não é? E me colocaram no balé.

M.C. – Qual o nome deste professor que abriu o conservatório de música?

---

<sup>1</sup> Antônia Seitz Petzhold.

<sup>2</sup> Salma Chemale.

M.R. – Era Daniel de Oliveira. Ele se formou em acordeom, estudou música e ia até as casas das alunas dar aula. E até tinha outro professor famoso na época, mas eu não lembro o nome. E ele colocou o conservatório de música onde o Rolla começou a dar aula.

M.C. – Como era o nome deste conservatório?

M.R. – Conservatório de Música Daniel de Oliveira. Eles faziam excursões para o interior quando era só o acordeom. E minha mãe me colocou e eu fiquei maravilhada eu só tinha visto na Salma no Teatro São Pedro.

M.C. – E onde ficava localizado o conservatório?

M.R. – Era na Rua Senhor dos Passos perto das lojas Linna. Era em um edifício no segundo andar. Tinha as salas de música e a de balé era bem bonita. Eu lembro que tinha espelhos e eu nunca tinha visto assim. E eu lembro que eu fui fazer a primeira aula me lembro do primeiro passo que eu achei muito interessante foi o passo de valsa um, dois, três, um, dois, três. E eu fiz a aula e o Rolla perguntou para mim: “tu já estudaste balé?” E eu disse: “não...” eu nem sabia o que era balé. [risos]

M.C. – Quantos anos a senhora tinha?

M.R. – Eu tinha nove anos.

M.C. – E a senhora já tinha colegas nesta primeira turma?

M.R. – Tinha umas cinco ou seis alunas. Inclusive no final de ano o professor Daniel fez uma apresentação e a gente dançou uma rancheira. A primeira dança que eu dancei era uma rancheira e um minueto. Eu fiz o rapaz no minueto e na rancheira não tinha rapazes e ele tinha que pegar as meninas que estudavam acordeom.

M.C. – E quem tocava a música era o professor Daniel?

M.R. – Não. Tinha uma pianista que tocava quando a gente dançava. Ela tocava piano porque naquela época não tinha gravador. [risos]

M.C. – Então quando a senhora iniciou neste conservatório o professor Rolla tinha saído a pouco tempo da Dona Tony?

M.R. – Sim. Ele tinha recém saído da Tony. O primeiro ensaio que a gente foi fazer no Teatro São Pedro ele foi nos mostrar para a Tony o minueto e a rancheira. Lá na sala ao lado do Teatro São Pedro onde a Tony e a Salma davam aula. Ele levou a gente lá para mostrar o trabalho dele.

M.C. – E o que ela achou?

M.R. – Ela era muito braba, mas eu acho que ela provocou. Ela era brava e ele tinha uma personalidade forte também.

M.C. – E quanto tempo vocês ficaram tendo aulas de balé no conservatório?

M.R. – Nós ficamos pouco tempo no Daniel. E ele abriu a escola dele na Sociedade Sírrio Libanesa em cima do Cinema Cacique. E eu lembro como se fosse hoje não tinha barra, era um salão e a barra eram cadeiras e ali ele ficou algum tempo. Depois a gente foi defronte a Rua da Ladeira naquele edifício de esquina, numa sala bem bonita era no edifício do relógio. E depois ele foi para a Rua Marechal Floriano foi ali que eu me formei. Eu fui aluna da primeira turma dele. E eu lembro que ele sempre dizia assim: “eu tenho trinta e três anos” e aquilo me marcava por que eu tinha quatorze anos e dançava com ele fazendo pás de deus. E ele já era um homem. E eu tenho fotos, pois saía no jornal: “dia não sei quanto de novembro no Teatro São Pedro Maria e João Luiz Rolla no espetáculo no Teatro São Pedro”, porque Marisa eles sempre colocaram Maria.

M.C. – Então as primeiras coreografias apresentadas foram o Minueto e a Rancheira?

M.R. – Sim. E o Minueto foi o máximo pra mim. Dançamos no Teatro São Pedro com o Daniel de Oliveira. Ele tocava acordeom e a minha irmã era solista de acordeom. E o balé foi o Minueto e a Rancheira e me parece que o Rolla dançou uma música brasileira vestido de malandrinho. Eu me lembro mais ou menos porque faz tantos anos.

M.C. – A senhora tem registro destes momentos?

M.R. – Sim. Tenho fotos. Mas quando eu casei eu coloquei meus programas tudo fora. E ontem eu estava procurando o meu certificado, agora eu tenho um filho que está morando comigo e nas limpezas, e estava pensando tomara que eu não tenha colocado fora também.

M.C. – Depois desse primeiro espetáculo o que a senhora lembra?

M.R. – A gente dançou a Chapeleira e como eram pouquíssimas alunas a gente dançava três danças. Então vinham duas alunas e dançavam e eu dancei com a Rosa Maria<sup>3</sup>. E eu tinha uma colega a Elvira Panatiere ela não se formou com a gente, mas ela dançava muito bem. E a Manon<sup>4</sup> foi muito minha amiga, ela era tipo bolsista do Rolla, era uma menina pobre que estudou balé. Tanto é que ela foi para São Paulo e teve uma escola muito grande lá. Bem cada uma fazia uma dança, um número, para encher murcília [risos].

M.C. – E as apresentações sempre foram no Teatro São Pedro?

M.R. – Eu só dancei no Teatro São Pedro. Inclusive na nossa formatura a gente deu uma placa... foi inaugurada uma placa lá. Até estava olhando nas fotos eu estou olhando para placa porque a minha visão parece a do Rolla [riso] Porque de tanto eu dizer: “não acredito que o senhor não está enxergando”, porque o pé da gente fora do lugar ele enxergava! E eu estava olhando a placa e alguém tirou esta foto. As fotos não eram muitas porque antigamente não tinha como tirar, mas eu tenho uma de cada dança: a Mazurca, Papion foi uma dança muito bonita.

M.C. – Na sua época foi feita a coreografia Burlesco...

M.R. – Foi mesmo. Era linda! Eu não tenho nenhuma foto.

M.C. – A senhora dançou esta coreografia?

M.R. – Dancei. Eu era aqueles que parecem um palhaço. As danças repetiram muito sabe... Papillon, por exemplo, eu tenho nos programas eu bem novinha e depois quando eu me formei.

M.C. – A senhora me falou que esteve frequentando a escola em vários endereços. Qual momento a escola teve maior procura?

M.R. – Quando eu me formei eu saí, mas eu era muito amiga dele. Eu fui morar em Montenegro e fiquei longe dele e só vinha para os espetáculos. E uma vez ele me contou que ele tinha alugado uma sala onde ele não pode funcionar porque era residencial. E ele foi para o Auditório Araújo Viana onde ele ficou muitos anos. Eu acho que no Araújo Viana foi quando ele estourou. Na Rua Marechal Floriano tinha bastante alunos. Quando

---

<sup>3</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>4</sup> Manon Freire, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

eu me formei eu dava aula de estágio para aquelas pirralhinhas. Era um monte de crianças. Aquelas crianças mal educadas [risos]. Então ali já tinha muita pirralhada. Eu lembro que depois que eu fiquei moça eu me lembro da Regina Guimarães<sup>5</sup> que era mais moça do que eu dizendo assim: “ai Marisa como eu gostava de te ver dançar! Eu batia palma e eu era tua fã!” Porque eu fui das mais velhas. E eu era da primeira turma e o Rolla ficou muito amigo do meu pai. Porque meu pai era despachante e trabalhou na CEEE eu sei que os dois se encontraram. E ele teve muita dificuldade com a escola. E como a gente era amigo ele fazia visitas e dizia que não era fácil.

M.C. – A Senhora lembra dele dançando?

M.R. – Sim. Eu dancei com ele. Ele dançava comigo e com Manon como bailarina.

M.C. – E qual sua impressão dele como bailarino?

M.R. – Pra mim ele foi meu ídolo. Porque foi o único professor que eu tive e ele era muito charmoso, muito exigente. Ele era assim. E depois de muitos e muitos anos eu fui dar aula na escola dele. E ele dizia assim: “não pode esquecer nome de aluno.” Imagina guardar o nome de toda aquela criançada? Só ele mesmo! E a gente ficava conversando... tinha uma que eu fazia aula com ela, mas não consigo lembrar o nome dela. Porque faz vinte, trinta anos e a gente ficava com essa pianista. E ele vinha mais tarde para ver como estava e a gente estava conversando e quando ele entrava, ele dizia: “começaram tarde! Porque ainda estão na Rond de jamb e já deviam estar no batmen!” [riso]. Pelo amor de deus! Olha a disciplina deste homem! Isso era a disciplina dele ele era muito exigente. O pessoal achava que ele batia. Eu nunca vi! Eu às vezes ficava pensando, depois que eu fui professora, ele usava uma varinha porque ele era homem. E ele não queria pegar a perna das gurias. Então as mães, que eu sei por que já foi professora, essas mães que querem que a filha vá para a primeira fila diziam que ele batia. Mas eu nunca vi bater. Ele ficava nervoso como qualquer professor de balé em época de espetáculo. Eu ajudava ele nos espetáculos e eu só tenho que falar bem do meu professor.

M.C. – Me fale de quando a senhora dançou com ele.

M.R. – Eu tinha quinze anos eu dancei com ele no Papion. E tinha uma dança que cada uma tinha um tutu de uma cor. E eu lembro que o meu era laranja e aí que ele fazia um

---

<sup>5</sup> Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.



número com a gente. Dançava com cada uma de nós da primeira turma e aí eu lembro que no fim quando eu ia me formar eu era muito magrinha, mas eu me lembro como se fosse hoje era uma dança e eu ia dançar com outra menina eu sei que ela era loirinha parece que era Eda<sup>6</sup> o nome dela. E ele ajoelhado e eu tinha que subir na perna dele. Mas eu vou morrer sem conseguir subir! Aí eu não dancei aquilo porque na hora de botar a perna e subir não conseguia. Foi a minha única falha com ele. Também eu era uma criança que tinha 14 anos quando tinha que fazer piruete no palco e ele queria que fizesse piruete dupla. E ele dizia: “força Marisa!” E apertava o meu dedo [risos]. São coisas que a gente era muito criança, mas ele tinha que exigir, não é?

M.C. – Quais escolas existiam na época?

M.R. – Tinha a Tony, a Salma, a Lya<sup>7</sup>. Como eu conhecia só a escola dele eu nem assistia às outras. E a Salma eu fui conhecer quando eu fiz curso depois de formada. E a Tony foi minha professora de Educação Física. Então como eu era aluna do Rolla tinha aquela coisinha... todo mundo elogiava muito. Por que na época era a escola que estava surgindo. Porque a Salma, e a Tony já estavam e a Lya desistiu no meio do caminho. Tinha o Pity<sup>8</sup> também que era um bailarino na época e tinha o Antônio que era um baixinho. Mas o Rolla era muito estudioso. Eu acho que a escola surgiu e ela venceu. Não ficou para trás. Porque depois a Tony teve um tempo que parou e a Salma eu fui conhecer depois da formatura.

M.C. – Eu gostaria que a senhora me falasse do período após a formatura.

M.R. – Eu me formei e eu morava aqui perto do Pronto Socorro e ele morava por ali também. E aí eu ganhei o meu primeiro filho, e depois de dois anos de casada eu ia passear e encontrava com ele. E ele dizia: “Marisa vem fazer aula! Vem dar aula!” Sabe como é mulher não trabalhava e o marido nem queria. E aí o meu marido passou no concurso do Banco do Brasil e eu fui para o interior, fui morar na cidade de Montenegro. E a dança sempre na minha cabeça. Eu com as minhas fotos, do meu álbum de dança, que eu fiz ainda quando era solteira. E aí eu cheguei a Montenegro, cidade de alemão, e eu sempre fui uma mulher muito simples e eu dizia sou professora de balé estudei com o Rolla e eles não aceitavam. Eles buscavam professora de Porto Alegre. Um dia eu peguei uma sala assim como essa grande e comecei a dar aula para as filhas das minhas amigas. A empregada

---

<sup>6</sup> Eda Honrich da Jornada, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

<sup>7</sup> Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz.

<sup>8</sup> Souvarine Louniev.

cuidava dos meus dois filhos homens e eu comecei a dar aula. E eu tenho até o telegrama que meu pai me mandou dizendo: “parabéns pela aula inaugural!” E eu comecei a dar aula em Montenegro dentro da minha casa e aquilo foi crescendo. E eu pensei daqui a pouco o médico que morava embaixo do meu apartamento vai reclamar e uma amiga minha foi morar em Taquari e eu fui para Taquari. Pegava o meu fusquinha e eu ia duas vezes por semana no Alvinegro que era o clube da cidade. E os meus espetáculos eram assim um chá para as mães... lembro que uma vez eu fui até entrevistada no cinema da cidade e a minha vizinha me vestiu toda de longo [riso]. Eu era muito vaidosa e fui entrevistada. Eu até tinha, devo ter ainda, as reportagens que diziam: “professora Marisa Iole veio de Montenegro para dar aula em Taquari.” E eu pensava quem sabe agora Montenegro me quer. Que nada! Montenegro continuava pegando as professoras de Porto Alegre. Mas elas não ficavam. E um dia meu marido disse: “chega de viajar.” Imagina eu ia sozinha e um dia deu um desencontro na estrada e ele ficou com medo. E chorava às mães, chorava eu e como tudo na vida quando não se tem nada, não se tem nada. E São Sebastião do Caí me queria, São Leopoldo me queria. Mas eu tinha medo na época por que antigamente não tinha ônibus como tem agora e ir de carro sozinha... E um dia eu estava triste e os filhos no colégio eu só dormia e era depressão que eu não sabia por que, naquele tempo não existia isso, e a psicóloga do colégio Maria Luiza Zanqueta me chamou no colégio e eu comecei a me tratar com ela. E eu contei pra ela que a minha vida era o balé e agora eu só estou dentro de casa. E eu dormia muito porque eu tinha empregada e ela disse: “eu quero que pro dia das mães tu faça um espetáculo pra gente e tu vê as músicas e as alunas que estão querendo dançar, escolhe quem quer dançar.” E eu fiz o espetáculo. E eu tinha uma amiga me emprestava o gravador e eu escutava os discos do meu pai ainda. Aquelas valsas, aquelas coisas. E aí o espetáculo foi lindo. Quando terminou eu me emocionei. Todo mundo me abraçava e aí eu disse: “tem que começar.” E eu dei aula no colégio até na capela funerária [risos]. E eu fui para o clube fui dar aula no clube em Montenegro. Só que clube sabe como é um monte de gente na diretoria aquela confusão e muita inveja porque queriam que alguém de Porto Alegre desse aula. Um dia eu me arrumei e fui falar com o prefeito da cidade cheguei e disse assim: “Cardona eu sou professora de balé”. Eu fazia tudo que é curso em Porto Alegre, a Morgada<sup>9</sup> me chamava de rato de teatro, e eu vinha de carro para Porto Alegre para fazer os cursos, dormia na minha mãe e voltava no outro dia. Foi assim que eu conheci a Salma. E eu falei que eu era professora de balé e a professora

---

<sup>9</sup> Morgada Cunha.

que ia dar aula era comadre dele, mas como eu tinha todo aquele currículo ele me pegou. Mas antes de tudo isso eu tinha alugado uma sala só para mim. Eu trabalhava no conservatório da cidade, mas era só o nome porque eu pagava a sala o INSS e aí o prefeito Cardona disse: “faz assim continua pagando o aluguel e fica no conservatório” e era só para fazer número mesmo. E eu ganhava dinheiro que nem água, mas sozinha e deus na cidade. No conservatório a pianista tocava para mim nos espetáculos e um dia este conservatório resolveu me contratar com carteira assinada com um salário bom, recebia férias e não pagava aluguel. Lógico que era bem menos que antes era uma segurança tanto que eu me aposentei como professora de balé e ganhei fundo de garantia. E eu fiquei no conservatório e ele foi crescendo as alunas jorravam, crianças jorravam e a diretora me dava muita força. Então meu marido veio para Porto Alegre e eu odiava Montenegro porque eu não tinha o que fazer. Quando eu comecei a trabalhar ele se transferiu para Porto Alegre e eu vim para Porto Alegre, mas trabalhava em Montenegro duas vezes por semana e eu abri uma escola aqui no bairro Medianeira chamava Escola de Balé Ioleana que eu abri com uma sobrinha minha que era professora de educação física recém formada minha sobrinha chamava Ana Valéria<sup>10</sup> e eu. Ioleana é o meu nome e o dela. Coloquei assim para incentivar não quis colocar Escola de balé Marisa Iole. Então eu trabalhava aqui na minha escola e em Montenegro. Eu morava ali perto em frente ao Nacional e eu saía de madrugada com a lua no céu. Um dia tinha greve e um rapaz passou e me disse: “senhora não tem ônibus.” E eu voltava e pegava minha Brasília e ia de carro para Montenegro, moça a gente faz de tudo. E era muito trabalho pra mim e eu fui burra em vez de voltar e ficar só com Montenegro eu optei por ficar só com a minha escola. E a escola foi crescendo, crescendo, mas Montenegro agora é um centro de cultura. E lá que eu coloquei a Sayonara Pereira<sup>11</sup> no meu lugar. Eu gosto de entrar pela frente e sair pela frente. Aquele monte de pai todo mundo acreditando em mim aí eu fui no Rolla e disse: “Ai Rolla eu preciso de uma professora. Tem carteira assinada, duas vezes por semana no conservatório.” Ninguém queria porque era tudo filhinha de papai e muita gente estudava. A Sayo estava bem largadona lá ainda não tinha ido para Alemanha e disse: “Marisa eu quero. A mãe dela me dizia ai Marisa tenho uma raiva de ti porque tu mandou minha filha pra Montenegro porque depois ela foi pra Alemanha”, mas depois ficamos amigas e ela foi até catequista da minha neto. O mundo é assim não é? E eu fiquei só com a minha escola.

---

<sup>10</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>11</sup> Sayonara Pereira, ex-aluna da escola de dança de João Luiz Rolla.

O primeiro espetáculo que eu fiz aqui olha como eu era peituda, eu convidei Montenegro e Porto Alegre. Então eu juntei as duas escolas.

M.C. – E onde foi o primeiro espetáculo da sua escola?

M.R. – Foi na Assembleia Legislativa.

M.C. – Em que ano a senhora abriu a escola?

M.R. – Acho que foi 80. Lá em Montenegro se eu me candidatasse à vereadora eu ganhava porque desde a filha do juiz, padre que não tem filho pelo menos não mostra né, porque todo mundo me conhecia. Imagina tratando das filhas deles pra um pai uma mãe isso daí e super importante. Aí eu sai de Montenegro deixei a Sayonara lá e fiquei cinco anos com a minha escola. Eram dois apartamentos aluguei o da frente e quando eu fechei eu tinha o de trás também. Eu tinha só balé clássico e moderno, e tinha judô. O meu filho mais moço era meu secretário. Porque eu não tive filha mulher e aí quando as gurias, minhas noras, podiam me ajudar eu já estava pronta para fechar. Porque meu marido se aposentou muito cedo, se aposentou com quarenta e seis anos. Naquela época a gente achava velho. Porque a minha vida era assim teatro porque eu era da Associação dos Professores de Dança, sempre era ou secretária, alguma coisa eu estava metida. E a casa ficava. Sábado e domingo ou estava na televisão ou estava em curso. E meu marido aposentado. Mas era muito trabalhoso e eu optei. Eu nem sei como é que o Rolla foi até o fim sem ter um filho que o ajudasse. Lá em Montenegro eu ganhei destaque em artes. Quando eu resolvi fechar antigamente com cinquenta anos tu era velha e a única professora que me deu apoio foi a Salma. Ela foi para Joinville que tem o festival de dança e ela entregou à escola para mim. Foi ela, as filhas, as netas e eu dava aula lá, por exemplo, a Cristina Fragoso<sup>12</sup> dizia sempre pra mim: “Marisa tu tem uma coragem que qualquer professor de balé tem vontade de fazer e não faz.” Porque é muita incomodação. Eu dizia para minha diretora a próxima escola eu vou dar aula para crianças sem pai sem mãe [risos]. E ali nessa escola Ioleana é que a Rejane<sup>13</sup>, que te passou meu telefone, é que foi minha aluna. Eu tive muitas alunas em Montenegro que continuaram e a Jane aqui em Porto Alegre que foi a aluna mais rebelde que eu tive. Ela foi minha bolsista, eu dei apoio para ela em tudo. Porque aquelas bobas do meu bairro não queriam que ela dançasse porque ela não tinha dinheiro para

---

<sup>12</sup> Maria Cristina Fragoso.

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação.

pagar à fantasia. Olha que cabecinha pequena. E a Jane foi minha guardiã até abrir a escola dela. Lembrei agora que eu e o Rolla a gente tinha afinidade ele me beijava e as gurias diziam: “olha a queridinha do professor.” Mas não era. Era porque ele se dava com o meu pai e eu era tímida. E nessa psicóloga eu descobri que estudar balé me ajudou com a timidez. Porque eu atravessava a rua para não conversar, agora eu atravesso para conversar [risos]. Eu era tão tímida que quando eu fechei a minha escola eu tinha que pegar o microfone e agradecer aos pais e não tive coragem. O balé me deu vida porque eu ia morrer com a depressão. Me deu segurança porque eu me sentia segura e me deu disciplina. O Rolla sempre dizia: “Marisa vem pra frente! Modéstia demais é burrice!” E isso eu dizia para minhas alunas também e um monte de coisa que ele dizia. Quando eu não conseguia fazer o giro ele dizia: “o espírito comanda a matéria!” Hoje eu entendo...

M.C. – A senhora ainda teve contato com ele depois de formada?

M.R. - Logo que eu casei fiquei afastada. Ele foi no meu casamento, ele mandou presente e aí depois eu fui para Montenegro e só vinha nos espetáculos. Minha mãe era minha companheira e ele dizia pra mim: “ela sempre te acompanhando” e quando eu resolvi selecionar balé como eu ia ensinar balé na cidade de Taquari se eu não tinha mais nada? Aí o que eu fiz? Eu fui no Rolla e disse: “professor eu quero dar aula de balé só que eu estou por fora. Eu preciso fazer aula, eu preciso aprender.” Aí ele disse: “tu podes fazer um estágio aqui.” Eu vinha de vez em quando porque era mais difícil porque eu já estava dando aula. E eu não tinha nem música porque já era cassete e eu fui na associação dos professores de dança e eles me disseram que não podiam me dar às músicas. Imagina! A associação deveria ser para ajudar os professores de dança. E a pessoa que me deu força e eu sempre fui agradecida e quando eu fechei a minha escola dei todas as minhas alunas foi a Lenita Ruschel<sup>14</sup> ela sempre lutou muito. Ela fazia muito curso, ela queria vencer. Não era que nem eu que estudava no americano e só ia para minha aulinha de balé. Ela não, ela lutava muito e eu fui até ela e disse: “Lenita vou dar aula de balé e ninguém quer me ajudar.” E ela disse: “me traz as fitas, fitas boas que eu tenho discos americanos”, ela até me deu esses discos que depois eu dei para a Rejane. Estes discos tinha que buscar nos Estados Unidos e vinha à aula completa. Exercícios, centro, barra, iniciante, avançado e ela gravou tudo para mim. E eu sempre era convidada para ir para as bancas da Salma, da Beth

---

<sup>14</sup> Lenita Ruschel Pereira, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

Gutierrez<sup>15</sup>, e agora a banca que eu vou é da Rejane. E quando eu fechei a escola as minhas alunas foram para a Lenita daí no primeiro ano qual foi minha surpresa no primeiro fim de ano ela me convidou para ir na banca e quando as gurias me viram ficaram enlouquecidas.

M.C. – Entendo que a senhora e o professora Rolla estiveram com escolas abertas na mesma época em Porto Alegre...

M.R. – Sim o Rolla assistiu o meu espetáculo. Eu convidei ele. E nesse estágio que eu fiz ali eu fazia aula e dava aula. Fazia aula de graça e dava aula de graça. Ele queria me pagar e eu dizia: “não quero receber, eu quero aprender.” E este meu filho, que hoje está com 48 anos, como eu morava aqui perto do nacional ele ficava sentado assistindo à aula e adorava balé. Ele ficava sentado assistindo à aula e ele sabia tudo o plie, tandi, e até todo mundo dizia que ele se parecia com o filho da Maricá<sup>16</sup> do Balé Stagium. Ele gostava de balé. Então o meu contato com o Rolla era assim eu dava aula e fazia aula e eu fazia aula com as formandas e ele queria que eu colocasse pontas e eu não coloquei, pois eu tinha quarenta anos e eu me achava velha. E quando eu fazia curso ele queria que eu fizesse aula, eu queria só olhar e ele dizia: “não, tem que fazer!” Então foi um contato bem bom até o fim. Quando eu ia para o balé ele sabia que eu tinha deixado coisas em casa, o tanque cheio de roupa. Então ele dizia: “o que ficou em casa isso tem que esquecer!” Porque ele sabia que eu estava preocupada inclusive levava meu filho para assistir aula.

M.C. – Gostaria que a senhora me dissesse se sabe qual motivo da escola de João Luiz Rolla ter fechado?

M.R. – Que eu saiba a Regina e a Laura elas queriam tomar conta, mas ele não quis deixar o nome dele. Tanto que quando eu vendi a minha escola eu disse para ele e ele me disse: “não faça isso! Não vai vender! É teu nome!” E eu disse: “mas eu tiro o meu nome.” E a dele ele não quis vender ou deixar para as alunas.

M.C. – E sobre a prefeitura ter pedido a sala do auditório para ele a senhora sabe alguma informação?

---

<sup>15</sup> Elizabeth Gutierrez, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação.

M.R. – Eles pediram por causa das reformas e ele já está enxergando pouco. Eu só sei que eu tenho muito remorso porque o Mendélski<sup>17</sup> que trabalhava na Guaíba me disse um dia: “vamos visitar o professor Rolla” e eu ate falei com a Cristina Frago: “vamos?” e ela me disse “vamos!” Mas ele morreu. Eu sempre digo que aqui em Porto Alegre não tem quase nada eu fui lá naquela Mario Quintana e com grandes professores de balé como o Rolla, a Salma, a Tony, a Lya que até hoje não sei por que deixou a lida. A maioria antigamente era escolas de alunas do Rolla porque ele ensinava a gente a viver, ensinava a gente a gostar. Ao menos as que eu deixei em Montenegro e a Jane aqui, tem garra e tem que ter garra. Ele deu isso para as alunas.

M.C. – A senhora tem alguma informação sobre o apoio que a família dele dava ao trabalho?

M.R. – Eu acho que sim. Ele tinha uma sobrinha que inclusive foi aluna dele eu não sei o nome. Ela tinha um acervo. Eu nunca deixei de dar uma foto para ele, ele gostava. Porque era a vida dele aquelas caixas dele imagina o que tem de programas e fotos? E ele era assim quando ele gostava ele gostava, quando ele não gostava ele não gostava. Quando ele implicava com alguém ele não gostava de ser desafiado. Com a minha mãe era assim tinha que fazer o figurino o meu ele já mandava fazer porque ele sabia que a mãe não ia discutir com costureira. Eu tinha uma colega a Berenice Franco<sup>18</sup> que ele implicava ela era muito alta, e a Magda Rosito<sup>19</sup> que foi uma grande nadadora fez balé comigo, mas não se formou ele também implicava. E a Manon ele implicava porque ela era danadinha, era debochadinha e ela desafiava ele, em pleno Teatro São Pedro [risos]... coisa de humanos não é? Eu tenho algumas fotos tu não queres ver?

M.C. – Gostaria sim!

[Interrupção da entrevista: a entrevistada mostra alguns álbuns de fotos de onde separamos 30 fotos]

M.C. – Estas fotos contam uma parte muito importante desta história, o início! A senhora gostaria de disponibilizar estas fotos para repositarmos Dona Marisa? A senhora autoriza?

M.F. – Sim, eu autorizo sim. Pode divulgar estas fotos.

---

<sup>17</sup> Rogério Mendelski, jornalista.

<sup>18</sup> Berenice Franco, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla

<sup>19</sup> Magda Rosito, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

M.R. – Pra mim o balé foi vida. Tanto que eu perdi a timidez, me realizei profissionalmente e quanto ao Rolla ele foi um pai que eu tinha. Tanto que ele sempre foi uma pessoa muito famosa na cidade, apesar de ele não ter família, porque ele tinha um irmão do internacional e no final me parece que as sobrinhas deram apoio. E eu sei que tinha uma turma de alunas que escreveram um livro me parece. Eu nunca vi esse livro. Eu sempre tive uma admiração muito forte por ele. Até as minhas noras que dizem: “ela se formou no Rolla e foi primeira aluna do Rolla.” Então assim para mim balé é vida! E se eu escuto alguém dizer assim: “a minha filha vai estudar balé chamando de bobaginha eu digo: não! isso é uma profissão que eu me realizei profissionalmente e para minha vida foi uma maravilha.” Eu tive um mestre. Eu fazia cursos e cursos, mas sempre ia na linha dele.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]